

A procissão de Santa Marinha de Prozelo: contributo para o estudo dos rituais *ad pluviam petendam*¹

The procession of Saint Marinha of Prozelo: contribute for the study of *ad pluviam petendam* rituals

José Pinto*

Resumo

O presente artigo visa descrever uma prática ritual que envolvia a padroeira da freguesia de Santa Marinha de Prozelo. O dito ritual passava por levar a imagem de Santa Marinha ao rio Vez, em procissão, com o fito propiciatório de solicitar chuva. Tenciona-se ainda demonstrar como esse culto se gizava ao seu redor, dando conta das manifestações que os fiéis deixavam transparecer, de forma inequívoca, quando prestavam culto à sua padroeira. Procura-se, também, deslindar as razões que levaram os Prozelenses a solicitar a intervenção divina para que vissem minimizada a seca intensa que, esporadicamente, assolava esta freguesia do Alto Minho (Noroeste de Portugal).

Palavras-chave: Santa Marinha; freguesia de Prozelo; devoção mariana; religiosidade popular.

Abstract

This article aims to describe a ritual practice that involved the patron saint of the village of Prozelo, Saint Marinha. This ritual entailed taking the image of Santa Marinha to the river Vez, in a procession, with the aim of requesting rain. It also intends to further demonstrate how this worship was planned around reporting events that betrayed the faithful, unequivocally, as they worshiped their patron saint. Similarly, we seek to unravel the reasons that drove the people of Prozelo to request divine intervention to minimize the intense drought that sporadically plagued this village of Alto Minho (Northwest Portugal).

Keywords: Saint Marinha; village of Prozelo; marian devotion; popular religion.

Introdução

Este artigo inscreve-se num conjunto de pesquisas que têm renovado o interesse pelo estudo das devoções e da religiosidade popular em Portugal (Lima, 2000, 2011; Rodrigues, 2007; Teixeira, 2008, 2012). Se tivéssemos de caracterizar de forma sucinta o catolicismo popular do Alto Minho, em pleno século XX, diríamos que um dos âmbitos mais significativos das práticas e

* Licenciado em Antropologia. Pós-graduado em Ciências Documentais (Ramo Bibliotecas e Documentação). Pós-graduado em Ciências da Informação e da Documentação (variante Arquivo). E-mail: pinto.jmp@gmail.com

devoções católicas está ligado ao culto mariano nas suas múltiplas invocações e que estas crenças se materializavam, principalmente, através de manifestações públicas, tais como: procissões, romarias, pagamento de promessas e oferta de ex-votos.

O objetivo central deste trabalho passa por descrever e analisar o culto a Santa Marinha que, outrora, incluía a realização da procissão ao rio Vez. Tencionamos ainda demonstrar como esse culto era gizado ao seu redor, dando conta das manifestações que os fiéis deixavam transparecer quando prestavam culto à sua padroeira². A devoção às imagens nasce da ideia de que estas têm poderes para intervir favoravelmente sobre as necessidades das pessoas que lhes são devotas. As imagens mostram estas capacidades através de atuações milagrosas, ou da ação protetora continuada. Neste sentido, a imagem ganha especificidade e vínculo com determinada pessoa ou comunidade a partir da sua história nela e com ela. Por isso,

a devoção às imagens é central para o catolicismo tradicional. São, na verdade, o lugar onde o invisível se torna acessível e palpável. Da mesma forma que os corpos humanos são depositários das almas invisíveis, as imagens são os corpos dos santos. Através das imagens estabelece-se uma comunicação entre vivos e mortos. Fundado no dogma da comunhão dos santos, esse modelo de catolicismo cria uma cosmologia em que as fronteiras entre a vida e a morte são continuamente ultrapassadas sem necessariamente a mediação de agentes especializados. As relações entre os santos e os fiéis são pessoais e baseadas no princípio da proteção e lealdade. Cada fiel tem seu santo protetor, ou seu padrinho celestial, que em contrapartida lhe pede lealdade. Os santos, na perspectiva do catolicismo tradicional, permanecem de algum modo participando das vicissitudes deste mundo através das suas imagens, capazes de sentir, chorar, sofrer, locomover-se, falar, indicar caminhos, etc. A imagem de um santo, portanto, não é apenas uma representação que evoca alguém que esteve entre os vivos, mas é “um sacramento”, algo que se torna presente no mundo visível, de forma eficaz e real, personagens que transitam entre os vivos e os mortos, ou seja, há uma relação entre a imagem e o santo que os torna uma única e mesma coisa. (Steil, 2004, p. 15).

Procuramos ainda desvelar as razões que outrora levaram os Prozelenses a solicitar a intervenção de Santa Marinha para que vissem minimizada a seca intensa que se fazia sentir em determinados anos nessa referida freguesia do Alto Minho (Noroeste de Portugal).

Para podermos alcançar estes desideratos é imprescindível sermos capazes de estabelecer procedimentos metodológicos eficientes com a abordagem

adotada. Assim, o nosso procedimento metodológico assenta sobre dois pilares: pesquisa bibliográfica e documental e recolha etnográfica e sua interpretação. Beneficiamos do facto de sermos naturais da freguesia de Prozelos e de conhecermos as pessoas mais idosas que participaram no ritual descrito.

Os excertos das entrevistas realizadas no decorrer do ano de 2013 sobre esta prática ritual fornecem, nesse sentido, um aporte fundamental tanto para apreensão das interpretações cristalizadas na memória coletiva acerca do ritual como para compreender as redes de sociabilidade e do processo contínuo de negociação das identidades sociais que perpassa na produção deste ritual coletivo.

Não são apenas os limites geográficos que definem a freguesia de Prozelos: há outras marcas de carácter humano, social, religioso, demográfico, patrimonial e artístico, legados de geração em geração, que no decurso dos tempos foram se configurando, materializando e enraizando na consciência comunitária dos Prozelenses.

Assim,

os modos de ser, de estar, de se afirmar diferente de uma comunidade pertencem-lhe como sinais construtivos e distintivos da sua identidade. São frutos verdadeiramente humanos gerados nas infindas e ancestrais relações com as coisas e com as pessoas, conservados, expressos e registados por múltiplos meios, ficando, de alguns, documentos bem visíveis (Português, 2008, p. 11).

No dealbar do século XXI – marcado por uma acelerada e crescente globalização da economia, do conhecimento, da cultura e dos comportamentos – urge defender as particularidades regionais e locais, na sua fonte de valores genuínos, passíveis de criar pontes de relações saudáveis e comportamentos autoconfiantes e complementarmente enriquecedores e criativos.

Ante o exposto, o artigo apresenta a seguinte estrutura: primeiro, realizaremos uma contextualização geográfica e socioeconómica da freguesia de Santa Marinha de Prozelos. Depois, faremos uma breve abordagem à biografia e ao culto de Santa Marinha na Europa, com particular destaque para a Península Ibérica. Posteriormente, vamos completar, com base nas entrevistas realizadas aos Prozelenses, uma descrição do ritual de levar a padroeira em procissão ao rio Vez.

1. O contexto

A freguesia de Santa Marinha de Prozelos é uma das 36 freguesias do atual concelho dos Arcos de Valdevez. Localiza-se no noroeste de Portugal, região do Minho (mais propriamente no Alto Minho) e pertence, administrativamente, ao distrito de Viana do Castelo. No aspeto religioso é, no presente, uma paróquia do arcebispoado dos Arcos de Valdevez e diocese de Viana do Castelo.

Na freguesia, com uma área total de 3,9 km², residiam, à data do último Recenseamento da População (INE, 2011), 943 habitantes, dos quais 451 eram homens e 492 mulheres. Estes indivíduos estavam distribuídos por 552 alojamentos familiares nos 21 lugares que compõem a freguesia.

Economicamente, é uma freguesia marcada no passado pelo predomínio da atividade agrícola. Nos tempos mais recentes procura tornar-se uma região mais desenvolvida, competitiva e internamente mais equilibrada, conforme se depreende da grande importância dos setores secundário e terciário. Assim, conclui-se que o setor primário, fundamental para a fixação das populações e a estruturação do povoamento da freguesia, tem vindo a diminuir como modo de ocupação principal dos Prozelenses. A nossa observação e conhecimento da freguesia permite-nos verificar que, atualmente, a pouca agricultura que ainda se pratica é principalmente complementar de outras fontes de rendimento.

Um aspeto que merece particular relevância é a existência de um número significativo de alojamentos com ocupantes ausentes. A título de exemplo, nos lugares da Portelinha e Lagoa, em novembro de 2012, havia 6 vivendas de emigrantes desabitadas a maior parte do ano e 27 pessoas emigradas. Este facto poderá indiciar a expectativa de regresso dos emigrantes ao seu “torrão natal”, uma vez que, não obstante todos os elementos do agregado familiar terem emigrado, continuam a ser proprietários desses imóveis e a apostar na construção de novas habitações, situação mais comum nas décadas de 80 e 90 do século XX, contrariamente ao que ocorre atualmente, em que investem as suas poupanças nos países de destino, sobretudo na França.

A religião sempre exerceu uma influência crucial no imaginário do homem. A imaginação contribui para a sobrevivência do homem, na medida em que expressa todo o conjunto de relações entre ele e Deus e/ou outros seres sobrenaturais, tanto em caráter subjetivo, como objetivamente: através de orações, rituais e outras formas de culto, abrindo caminhos à busca espiritual,

fazendo com que os desejos que não puderam ser realizados no plano material, atual e presente, possam ser realizados num outro plano – o do espírito, onde a imaginação se pode desenvolver de forma cabal.

O estudo da diversidade de paisagens religiosas permite-nos considerar as várias cambiantes da religião. A atividade religiosa constitui um tema central do estudo das comunidades humanas, “pois permite compreender [...] as estruturas e a partir de que elementos se constroem as identidades coletivas” (Claval, 1999, p. 55). Como manifestação de cultura no espaço, a religião cria as suas próprias marcas, formas de estabelecer-se nos lugares, vistas em ritos e símbolos que se impõem à organização do espaço.

Segundo Almeida (2008, p. 58), o território é concebido como objeto de operações simbólicas no qual são projetadas as conceções de mundo dos sujeitos: “é antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece a sua identidade cultural”. Essas projeções simbólicas do mundo dos sujeitos ligam-se, de certa maneira, às suas práticas religiosas constituindo um amálgama de relações territoriais na dimensão do vivido. Isso permite pensar o território pela dimensão simbólica, pelo poder territorialmente constituído que a Igreja Católica tem sobre os seus domínios antes da reforma litúrgica de Paulo VI. Como sustenta Menezes (2004, p. 234),

[...] do ponto de vista da Igreja Católica e do seu modelo universalista, não há tempo nem espaço sem santos – cada dia tem seus santos e cada lugar seu padroeiro. Os santos católicos marcam o tempo, constituindo o próprio calendário católico, e o espaço, demarcando territórios sobre os quais se estende sua proteção. Portanto, dessa ótica, cada ser humano já nasce multivinculado, isto é, está potencialmente ligado a uma série de santos, pelo simples facto de existir em determinado tempo ou espaço.

Deste modo, a celebração em honra da padroeira de Prozelos (Santa Marinha) insere-se no calendário de festas que proliferam no decurso do mês de julho no concelho dos Arcos de Valdevez. A festa do padroeiro está atrelada a uma ação de reforço do poder simbólico desse espaço, o que pode explicar que cada paróquia constituída tem nomeado e consagrado um orago para a sua proteção.

2. O costume de levar Santa Marinha ao rio Vez

O costume aqui descrito de levar Santa Marinha ao rio Vez era extensível a outros concelhos do Alto Minho e, sobretudo, à vizinha Galiza (Bouza-Brey Trillo, 1963). Esta prática ritual de solicitar chuva aos seres sobrenaturais é tão antiga como é o homem enquanto ser religioso e agricultor. Porque a chuva é essencial para a vida agrícola (e não só), porque a preocupação com ela é naturalmente intemporal, porque a mesma depende em última instância das respetivas divindades e, portanto, implorar chuva nas alturas de seca é inevitável. Implique isso procissões ou não, imagens divinas ou não, mergulhem-se ou não nas águas do rio.

A religiosidade popular não é um campo novo na seara das reflexões humanas. A prática ritual descrita faz parte do nosso quotidiano e integra-se naquilo que comumente se designa por religiosidade popular. Ela reinventa-se por intermédio da recriação dos sentidos e significados que cada sujeito ou grupo social lhe atribui e pode ser entendida como o anseio que o ser humano tem, no mais profundo do seu ser, de se relacionar com o sobrenatural; é algo que faz parte da sua condição humana, que lhe é inerente, essa procura do sagrado, esse apego a um ser sobrenatural. Enquanto os ritos institucionais são propostos pela hierarquia da Igreja Católica, a religiosidade popular expressa convicções pessoais e coletivas que oferecem mais segurança para as incertezas da vida, uma vez que incluem a visão do homem sobre si mesmo e o seu mundo concreto.

Ao vivenciar a religiosidade popular, cada um constrói as suas possibilidades de reencontro com a fé e com a devoção fortalecendo os vínculos e as marcas culturais, estreitando, assim, a intimidade com o sobrenatural, mas também com o seu próprio grupo social. Uma das suas principais características é procurar satisfazer as necessidades elementares ou primárias: saúde, proteção contra catástrofes; há também um apelo aos seres sobrenaturais para que intercedam em prol da atividade agrícola. Tem um forte sentido pragmático, na medida em que procura o benefício e a resposta imediata às necessidades mais básicas e prementes. Daí a oferta de compensações aos seres sobrenaturais que se podem traduzir, por exemplo, na dádiva de dinheiro, orações, procissões ou missas (Rodríguez Becerra, 2009, 2013). Toda a manifestação da religiosidade contribui para o fortalecimento e para o efetivar de constantes mutações dos laços de pertença a um dado grupo social. A religiosidade popular “fundamenta-

se em tradições populares que compreendem valores, normas de comportamento e rituais próprios” (Rodrigues, 2007, p. 81).

Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o comum dos fiéis passou a assumir um papel mais significativo nos rituais oficiais da Igreja Católica. A partir dessa abertura, a Igreja permitiu que as comunidades participassem nas manifestações de religiosidade trazendo assim o devoto para dentro da comunidade, não obstante cada um possuir os seus costumes e as suas tradições no que tange ao culto dos santos. Todavia, Reesink (2005) sublinha que essa religiosidade faz parte de um grupo de manifestações empreendidas com o intuito de prestar culto aos santos, independentemente de estes serem reconhecidos pela Igreja Católica.

As lendas que se construíram ao redor de Santa Marinha dificultam a compreensão da sua origem. Tudo indica que se trata de uma mártir oriental, uma das três que têm missa no sacramentário moçárabe – Marinha, Doroteia e Eufêmia – e o seu martírio ter-se-ia prendido com o facto de se ter negado a aceder aos amores do governador romano, que acabou por ser o seu juiz e a pessoa que, provavelmente, lhe teria infligido os castigos físicos (González Reboredo, 2012). Na hagiografia referente aos mártires, a morte violenta, fruto de torturas, é tomada como o testemunho de adesão das vítimas ao cristianismo. A morte sacrificial é um dos elementos-chave do cristianismo e a figura do mártir é exemplar.

Na perspetiva cristã, justamente por terem morrido como seres humanos, fiéis à mensagem de Jesus Cristo, explicitada durante os suplícios da morte decorrentes desse credo, é que os mártires tiveram a glória do paraíso e alcançaram a eternidade (Andrade, 2008). A relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvida pelo cristianismo (Duby, 1982). O culto aos mártires radicou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às restantes religiões, a morte como redenção, como resgate do género humano pela fidelidade ao exemplo de Jesus Cristo.

No catolicismo, uma importante expressão de religiosidade encontra-se no culto aos santos, tanto oficiais como extraoficiais, e, entre os modelos de santidade predominantes, o que sobressai é o modelo do mártir, fiel que morre

em defesa da fé cristã, muitas vezes em época de perseguições a um cristianismo ainda em formação e crescimento. Tal conceção de martírio transformou-se e ampliou-se no decurso do tempo, e passou a abranger também a morte violenta (Andrade, 2008).

Segundo González Reboredo (2012, p. 63), “a comemoração de Santa Marinha aparece fixada na *Lenda Dourada* no dia 18 de julho, ainda que no Oriente se celebre no dia anterior [...]”. O mesmo autor é da opinião de que o culto de Santa Marinha teria, na Península Ibérica, sido assaz disseminado antes do século VIII, e sofrido ainda maior incremento no século X, quando é assinalado nos calendários de Albelda e San Millán (González Reboredo, 2012).

Apoiados em González Reboredo (2012), somos levados a conjecturar que a escolha de Santa Marinha para padroeira de Prozelos estará certamente ligada à proximidade geográfica da dita freguesia com a vizinha Galiza. Santa Marinha é intensamente “galeguizada”, como o comprova claramente González Reboredo (2012, p. 89-92). O mesmo autor advoga que “a sua adaptação à Galiza fixou-se a partir da interpretação da sua vida segundo a tradição oriental que a torna mártir não da Marinha lendária que se fez passar por um homem que vivia num mosteiro, o que indicia que a sua galeguização não está relacionada com o mundo monástico, mas sim com o clero secular diocesano” (González Reboredo, 2012, p. 89). Esta “galeguização” tem interesse para o Minho porque uma das versões indica que a sua terra de origem era a diocese de Tui, e não se deve esquecer que, até finais do século XIV, todas as terras situadas entre os rios Minho e Lima pertenciam a esta diocese, e não se começaram a desagregar senão após o Grande Cisma do Ocidente, quando Portugal seguiu o Papa de Roma e a Galiza, integrada na coroa de Castela, seguiu o Papa de Avinhão. Esta seria, pois, uma forte razão para compreender que Santa Marinha tenha também importante presença em terras minhotas (González Reboredo, 2012).

O costume de levar a padroeira ao rio Vez - em anos de intensa seca, para pedir chuva - não aparece mencionado nas *Memórias Paroquiais* de 1758. Todavia, o facto de o costume não aparecer mencionado em 1758 não quer dizer que não existisse já. Afinal, trata-se de uma prática só realizada em alturas de especial crise, que não se efetuava todos os anos (se calhar nem todas as décadas) e a sua periodicidade era (como é natural), particularmente irregular. Em nossa opinião, esta prática ritual remonta provavelmente ao século XIX³, e

asseguramos que deixou de se realizar no ano de 1976. Em Prozelos, a seca intensifica-se sobretudo pelas seguintes razões: o extraordinário parcelamento dos campos desta região do Alto Minho, que inviabiliza(va) a existência de um sistema de regas eficaz⁴; o terreno acidentado, que não possibilita o aproveitamento da água dos rios e regatos para tal finalidade. Estes fatores, associados a outros, explicam a importância crucial que a chuva assume. Outrora, a chuva era considerada pelos Prozelenses como “o sangue da terra”. A aridez do solo e as condições insalubres proporcionadas pela terra seca contrastavam com a força, determinação e perseverança dos Prozelenses que no seu quotidiano viviam uma luta contra a seca intensa que assolava os solos.

Segundo alguns dos nossos informantes, o então pároco da freguesia vizinha de S. Tomé de Aguiã foi quem levou Santa Marinha ao rio Vez pela última vez, em 1976. Esta ligação de Santa Marinha com a água remonta a tempos longínquos.

Será oportuno lembrar, como observam Chevalier e Gheerbrant (1997) a respeito do simbolismo aquático, que é possível afirmar que as águas têm significações diversas e toda a sua simbologia pode universalmente restringir-se a três funções fundamentais: fonte de vida, centro de regenerescência e meio de purificação e cura. De acordo com Espírito Santo (1990), no seu estudo sobre a religiosidade em Portugal, o elemento aquático integra qualquer cerimónia religiosa, independentemente de ela ser oficial ou não oficial, isto é, reconhecida pela hierarquia da Igreja Católica. Com efeito, “qualquer rito que utilize a água evoca o contacto com a mãe, em vista a um novo nascimento ou regeneração. Só a água ‘viva’, aquela que brota da terra, goza de um prestígio sagrado [...]” (Espírito Santo, 1990, p. 35). O mesmo autor observa que é comum existirem nascentes consideradas sagradas, de “águas santas” que brotam da terra e que nunca secam.

O simbolismo do rio e a fluência das suas águas seriam, ao mesmo tempo, o do movimento das formas, fertilidade, morte e renovação. Depois da chuva e do sol, nada contribui de maneira tão óbvia para a fertilidade da terra como os rios. A travessia das águas é um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de não-vinculação. A margem oposta é o estado que existe para além do ser e do não ser (Chevalier; Gheerbrant, 1997). O rio Vez nasce em Lamas do Vez, a cerca

de 1200 m de altitude na Serra do Soajo e percorre vales e planícies até desaguar no rio Lima. O rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade dos seus desvios. A água é um elemento que comporta um forte apelo simbólico nas mais diversas religiões e, no cristianismo, a água traz a ideia da purificação, da libertação e da renovação, quando vinculada a palavras de fé, aos gestos e aos ritos. Durkheim (2002) observa que a voz, os movimentos e os gestos realizados em ritos e, por vezes, vinculados à água, podem produzir efeitos na crença e no imaginário, prescindindo de ajuda de qualquer deus ou espírito.



Figura 1 – Santa Marinha de Prozelos. Fotoclick Fotografia (2013).

Outra versão “galeguizadora” de Santa Marinha situa o seu lugar de martírio em Santa Mariña das Augas Santas (Allariz-Ourense), e neste lugar existe um antigo santuário romeiro caracterizado por mananciais de água purificadora associados a Santa Marinha. González Reboredo (2012, p. 166 ss.) dá exemplos de localidades na Andalúcia nas quais, por influência de conquistadores galegos, se impôs o culto a Santa Marinha, e em algumas delas aparece de novo esta associação com a água. Neste sentido, havia boas razões

para que em Prozelos se levasse Santa Marinha em procissão ao rio Vez para pedir chuva. Faz sentido citar Segalen quando observa que o rito tem uma dimensão coletiva, marca ruturas, descontinuidades e momentos críticos, individuais e sociais. O ritual “ordena a desordem, dá sentido [...] ao incompreensível, dá [...] meios para dominar o mal, o tempo e as relações sociais” (Segalen, 2002, p. 23). Por meio da sua dimensão simbólica, o rito possui eficácia na sua ação que se repercute na realidade social. Essa definição abarca uma dimensão coletiva, ou seja, o ritual faz sentido para aqueles que o partilham, possui uma eficácia social, ordena a desordem, confere sentido ao acidental e ao incompreensível. Permite, dessa forma, dominar o mal, o tempo e as relações sociais.

Todavia, importa sublinhar que, segundo os nossos informantes, em Prozelos, esse costume realizou-se poucas vezes. Parece-nos razoável conjecturar que para tal epílogo muito tenham contribuído, entre outros motivos, a menor necessidade de os Prozelenses estarem em diálogo permanente com o sobrenatural e a perda progressiva de fiéis por parte da Igreja Católica; o progressivo abandono da atividade agrícola e da pecuária; e a forte sangria migratória que afetou a freguesia, nomeadamente nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX. Um dos nossos informantes disse-nos que

Nesse tempo, em Prozelos, todas as terras eram lavradas e havia muito gado e algum passava fome. Muita gente trabalhava para pagar as rendas dos campos aos proprietários mais ricos, e também por isso vivia na miséria. (Informante, 85 anos, maio de 2013).

Importa sublinhar que “o mundo rural e agrícola, que em Portugal atingiu a sua máxima expressão territorial e demográfica em meados do século XX” (Baptista, 2001, p. 1), começa a perder relevância a partir de meados da década de 60. Não obstante se verificar um aumento da produtividade e da produção agrícolas (em razão do desenvolvimento tecnológico químico-mecânico), bem como a sua ligação com o mercado (que, todavia, não foram suficientes para desagravar a dependência de alimentos do país face ao exterior), decresceu a área cultivada e o número de indivíduos ligados à agricultura⁵.

A maioria dos nossos informantes sustenta que, após a chegada à freguesia do Sr. Padre Loureiro – o que ocorreu em setembro de 1976 –, este clamor de forte pendor religioso caiu em desuso e sofreu pequenas transformações ainda no tempo em que esteve na freguesia o Sr. Padre Pedro.

Mais importante do que notar a dimensão ritual do culto a Santa Marinha é compreender a capacidade que os rituais têm de agregar novos elementos e se transformar com o passar do tempo, em processos de adequação ao contexto em que se realizam e aos anseios, necessidades e interesses que estão em jogo. Como sustenta Segalen (2002, p. 15), “uma das principais características do rito é a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissémico, de acomodar-se à mudança social”.

Costa (1868, p. 204) descreve, nestes termos, o costume: “também levam Santa Marinha ao rio, quando querem chuva, e Deos [Deus] piamente os socorre”.

No segundo ensaio, cuja data de publicação é um pouco posterior, o ritual é referido em simultâneo com outros costumes:

Prozello, como todas as aldeias do Minho, tem as suas superstições religiosas. Uma d’entre [dentre] elas é a da prophylaxia [profilaxia] da raiva pelo contacto com as reliquias de Santo Estêvão, veneradas no altar de Jesus da igreja [igreja] matriz. Uma outra notável pelo tradicionalismo que exprime se observa d’antes [dantes] em Prozello: era a de irem mergulhar a Padroeira ao rio, quando o povo desejava chuva (Vieira, 1986-1987, p. 295-296).

Muitos Prozelenses viveram a organização da procissão e ajudaram na ornamentação do andor que transportava Santa Marinha.

Naquele tempo a imagem de Santa Marinha atava-se com cordas e o andor era carregado por quatro homens, tal como acontece ainda hoje. Não se usavam flores para enfeitá-lo. Era uma coisa simples mesmo. O povo da freguesia (algumas pessoas que se chegavam) é que armava o andor dentro da igreja paroquial. Nesse tempo, ia muita gente a acompanhar a procissão, os caminhos cheios de gente! (Informante, 80 anos, junho de 2013).

Como asseveramos antes, porventura terá sido no ano de 1976 que se levou pela última vez a padroeira ao rio Vez para pedir chuva. Em conversa com a pessoa responsável pela organização da procissão, a mesma disse-nos o seguinte:

Fui eu que organizei a procissão da padroeira ao rio Vez, em 1976. Estava uma seca desgraçada, pois já não chovia há vários meses. Nesse ano tinha morrido o padre Pedro que era o padre da nossa freguesia. Falei com o padre da freguesia vizinha de S. Tomé de Aguiã que aceitou encabeçar a procissão e acompanharnos. Ainda fui conversar com o padre da freguesia do Couto, para que trouxesse o padroeiro S. Pedro ao rio Vez, mas o mesmo

recusou o meu pedido. A procissão seguiu pelos caminhos que era costume e quando voltámos à igreja paroquial seguimos pelo caminho do lugar da Lagoa. Rezávamos, mas já não me lembro quais eram as orações ou cânticos religiosos.

Também me lembro que algumas pessoas da freguesia do Couto ainda foram ver molhar os pés a Santa Marinha. Quando terminámos as cerimónias no rio Vez e subimos para a estrada nacional, começou a chover a cântaros. Valeu a pena termos levado Santa Marinha ao rio que fez o milagre de nos mandar chuva. (Informante, 59 anos, outubro de 2013).

Outros diálogos encetados com alguns Prozelenses permitiram-nos apresentar as seguintes descrições do dito costume:

Levavam Santa Marinha em procissão ao rio Vez quando a seca era muito grande! Esta procissão era feita no tempo do Padre Pedro. Santa Marinha saía da Igreja Paroquial num pequeno andor transportado por quatro homens. Quando fossem pelo caminho do lugar do Coto Molelo, no regresso seguiam pelos caminhos que passam nos lugares da Lagoa, Farto e Gontilhe, embora a procissão não seguisse sempre pelos mesmos caminhos. No caminho cantavam uma ladainha em honra e louvor de Santa Marinha ou rezavam o terço. Não me lembro da ladainha que se cantava, confesso! O caminho ia cheio de gente, muito povo fazia parte da procissão. Uma vez, lembro muito bem, quando chegámos novamente à igreja começou logo a chover.

Então juntavam no rio Vez, na atual Ponte de Celeiros, Santa Marinha e do lado da freguesia do Couto traziam o padroeiro S. Pedro. Faziam uma espécie de encontro como fazem nas vésperas da Páscoa entre Nossa Senhora das Dores e o Senhor dos Passos. Depois de o padre dizer um sermão (num campo junto ao rio Vez), uma mulher ficava encarregada de molhar os pés de Santa Marinha e de S. Pedro. Os pés eram molhados numa pequena pia redonda de pedra que havia no meio do rio junto à ponte. Agora com as obras que fizeram na ponte acabaram por retirar essa pia do rio. (Informante, 85 anos, maio de 2013).

Na procissão de Santa Marinha lembro-me de se cantar uma ladainha: *Santa Marinha ora pro nobis*. Depois, em coro, as mulheres davam um tom mais forte a esta ladainha. Lembro-me ainda que vinha um homem da freguesia de Parada para ajudar a cantar. Um homem ou uma mulher começava a ladainha e o resto do povo entrava logo a seguir a cantar. Saíamos da igreja paroquial e seguíamos por um caminho e voltávamos para a igreja por outro. Quando chegávamos ao rio Vez junto à ponte de Celeiros o Sr. padre Pedro fazia um sermão ou outras orações e uma mulher lavava os pés a Santa Marinha e ao S. Pedro (padroeiro da freguesia do Couto). (Informante, 74 anos, maio de 2013).

No que concerne às descrições antes realizadas, há alguns aspetos que carecem de clarificação. Merecem destaque os cânticos e orações rezadas no trajeto até ao rio Vez e no regresso à igreja paroquial. Os ritos da viagem – as

orações e rezas, os cânticos, os relatos de milagres que outrora ocorreram quando levaram Santa Marinha ao rio Vez, bem como as adversidades enfrentadas durante o percurso – calor, vento, poeira, desconforto, predispunham para o sagrado, tornando os devotos mais abertos à experiência religiosa, aguçando a sua sensibilidade para perceber e sentir a presença da padroeira no decorrer da procissão desde a saída da igreja paroquial até ao seu regresso, no sermão e no rito de lhe molhar os pés.

Um aspeto que merecia particular relevância era a celebração do sermão. Para a sua realização, era construído junto ao rio Vez uma espécie de um pequeno púlpito:

Nesse tempo fazia-se um pequeno estrado com tábuas num campo junto ao rio Vez e cobria-se com alguns guardapós. Era aí que o Padre Pedro dizia o sermão em honra de Santa Marinha. Juntava-se muita gente para ouvi-lo e esse momento era vivido com muita fé. (Informante, 74 anos, junho de 2013).

Os nossos informantes reiteraram que a procissão percorria itinerários diferentes. A procissão tem a função de conduzir os seres simbolicamente sagrados através de espaços profanos.

O caminho veicula e medeia o contacto com algo externo, sobrenatural, mágico, transcendente, ao mesmo tempo em que permite um encontro consigo mesmo. O sagrado é procurado no próprio caminho a ser percorrido por cada devoto, na sua experiência pessoal e coletiva. É no movimento, na ação e na percepção do ambiente que o devoto se encontra com o sagrado (Steil; Carneiro, 2008, p. 121).

A passagem da imagem de Santa Marinha por diferentes caminhos da freguesia podia ser entendida como uma espécie de bênção aos campos de milho ou às hortas que ansiavam por chuva. Tal como argumenta Rosendahl (2012, p. 90-91):

as procissões são o culto externo em que se manifestam com mais exuberância o sentido religioso e a devoção popular. Trata-se de deslocamentos por itinerários predeterminados visando alcançar lugares sagrados ou realizar rituais em torno de pontos considerados qualificadamente significativos em termos étnico-religiosos. A procissão é considerada um cortejo religioso público, de forma ordenada em alas, do qual participam especialistas do sagrado e fiéis, no qual se entoam preces e a imagem de uma ou mais entidades sacras vinculadas ao tempo sagrado da celebração é conduzida. A procissão destina-se a exprimir, a exteriorizar a identidade religiosa da comunidade envolvida.

Os rituais religiosos, expressos na procissão e aquando da celebração do sermão junto ao rio Vez, tinham um caráter performativo, pois aconteciam num dado cenário, no qual a voz, o gesto, a indumentária, implicavam na comunicação, possibilitando ao corpo dos crentes encenar o seu próprio discurso. Representavam a concretização de um comportamento consagrado através de cerimónias e de símbolos específicos que permitiam aos Prozelenses mobilizarem-se dentro de um determinado universo religioso e, desse modo, compunham a malha simbólica tecida pelos atores sociais presentes na prática ritual aqui descrita. Isso mostra que a lógica da prática do pedir neste espaço religioso se fundamentava em aspetos como a confiança, a fidelidade e a certeza de atendimento às necessidades de cada um dos que procuravam solução para um problema coletivo (a falta de chuva), permitindo (e isso é um dado essencial a ser destacado) o impossível e o inatingível, cristalizados no milagre. Pedia-se, porque se confiava em Santa Marinha: era uma confiança engendrada de certeza e esperança. Mas havia, em nosso entender, outra razão para tais pedidos. Pedia-se porque parecia haver um sentimento de impotência velado nos discursos dos Prozelenses em face deste problema concreto, que crescia aos olhos dos suplicantes à medida que a sua fraqueza aumentava. Deus e a padroeira eram, assim, o último socorro.

A diversidade de práticas realizadas na procissão (cânticos, gestos e orações) apelava à participação massiva dos Prozelenses devotos e constitui

[...] uma espécie de estética e dramaturgia ritual, que ganha sentido quando o culto, por assim dizer, “sai à rua”. A participação coletiva em festas [...] ou procissões, numa evidente conceção teatralizada do ritual, toma a forma de um autêntico espetáculo de culto dos santos e da sua sacralidade. Justamente, esta sacralidade adquire a sua expressão máxima pelo facto de se construir e constituir como, e em espetáculo, esse “encantamento do logro” de que nos falava Artaud, acerca do drama, onde nada deve ser verdadeiro, mas tudo se deve passar como se assim fosse. (Raposos, 1994, s. p.).

O fenómeno religioso, acontecimento universal, encontra-se em todas as culturas e em todos os tempos. Acreditar numa força superior, ter fé, é uma necessidade inerente ao ser humano, faz parte da própria cultura. Geertz (2000, p. 140) argumenta que “[...] as religiões com suas dramatizações auxiliam as pessoas a encontrar ânimo e motivação, respostas e esperanças perante situações de sofrimento, insegurança, perdas, paixões, aflições e tristezas que a

vida quotidiana apresenta”. É uma afirmação perspicaz, uma vez que, independentemente da religião, esta é entendida como um meio necessário para conduzir o ser humano a acreditar numa força maior, a solicitar coragem para enfrentar os problemas do quotidiano e conquistar posições e situações mais satisfatórias. A religião é uma referência transcendental que ajuda a ultrapassar ou mitigar as incertezas quanto ao desconhecido, à impotência ante as forças da natureza, à vida, à morte e ao futuro (Rodrigues, 2007).

A religião e a cultura, como construções humanas, expressam sentidos basilares e ímpares para os indivíduos. Segundo Geertz (2000, p. 66), o termo “cultura”

denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporando símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas atividades em relação à vida.

As religiões e as religiosidades como produtos da ação humana decorrem da construção da cultura. Nesta ordem de ideias, caracterizamos as festas e romarias e o conjunto expressivo das suas manifestações empíricas, além dos seus aspetos imateriais, como uma constituição ritual identificada na composição de linguagens, atos, símbolos, performances, comportamentos e representações contemporâneas e específicas fundamentadas na experiência da continuidade, na cultura como uma teia de significados e práticas que decorrem de tais significados (Segalen, 2002).

A dinâmica ritualística engloba uma diversidade de aspetos (cânticos, orações, por exemplo) que cooperam associadamente, caracterizando o espetro religioso em composição abrangente e aglutinadora. Segundo Segalen (2002, p. 27), “o rito situa-se definitivamente no ato de acreditar no seu efeito, através das práticas de simbolização” de que o costume aqui descrito (de levar a padroeira ao rio Vez para pedir chuva) é um exemplo eloquente. Os rituais realizados, tais como invocações, procissões, cânticos e orações, permitem tornar Santa Marinha presente e, desse modo, agir em favor dos que lhe pedem. A religiosidade popular, no fundo, pretende emitir mensagens lógicas e iguais no conteúdo à religiosidade “letrada”. Contudo, o que se passa é que o faz com métodos diferentes, recorrendo à analogia, por exemplo, e ao gesto ritual em vez da oração ou do cântico. Esta ideia está intimamente relacionada com a prática de molhar

a imagem de Santa Marinha no rio Vez. Com este gesto, o que se fazia era algo tão elementar como lembrar à padroeira que aquilo que se queria era água (embora em forma de chuva). Reiteramos que os Prozelenses recorriam a este gesto em vez de usar da palavra, isto é, usavam uma linguagem analógica preñhe de lógica, significado e simbolismo.

A autêntica expressão de fé e devoção a Santa Marinha era o retrato real de um catolicismo sem amarras, espontâneo, livre de normas doutriniais, mas convicto do sentimento religioso que existia em cada Prozelense. Alguns conterrâneos confidenciaram-nos que, por vezes, a padroeira atendia as suas súplicas e pedidos.

Numa ocasião, quando vínhamos de volta para casa depois de levar Santa Marinha ao rio, chovia, se Deus a dava. Lembro-me que estávamos a passar no lugar de Aldrigo. Naquele tempo, o povo tinha muita fé e, por isso, os santos atendiam os nossos pedidos. Santa Marinha, nos últimos anos, tem sido um pouco esquecida, mas é muito milagreira! (Informante, 63 anos, junho de 2013).

Um santo pode realizar graças ou milagres e Santa Marinha não é exceção. Segundo Reesink (2005), o milagre é um fenómeno crucial da intervenção divina no mundo natural pela realidade da fé cristã e católica e torna-se um fator imprescindível para se compreender as manifestações das crenças e tradições pelo catolicismo oficial e popular na cultura.

Ao contrário do que sustentam os Prozelenses, Santa Marinha e outros santos não possuem poder porque lhes é delegado por Deus, mas este poder é intrínseco, ou seja, decorre do facto de serem seres sagrados e, dessa forma, são capazes de obter favores e/ou graças para as pessoas. A padroeira serve como um exemplo a ser imitado – embora seja uma possibilidade de imitação difícil de alcançar, em razão de ser praticamente impossível igualá-la, uma vez que conjuga o humano e o sobre-humano. Neste sentido, Santa Marinha configura a articulação singular entre estas duas dimensões: de milagreira e de exemplo de vida. Assim, a santidade de Santa Marinha é uma identidade atribuída assente na articulação entre as duas dimensões enunciadas.

Não devemos nos esquecer de que os padroeiros das diferentes freguesias cumprem uma importante função que Sanchis (1992, p. 318) definiu como “totêmica”, na medida em que são referências deveras relevantes para a identidade local/paroquial, tão importante no concelho dos Arcos de Valdevez e

no noroeste português, não obstante o definhar acelerado do mundo rural nos últimos decénios.

Considerações finais

Podemos inferir que a procissão de Santa Marinha, que se realizava na freguesia de Prozelos, constituía uma preciosa manifestação do catolicismo popular no noroeste português e o seu fascínio e peculiaridade devia-se a dois fatores essenciais: o primeiro prendia-se com a questão do espaço no qual a prática ritual decorria constituindo uma forma de valorizar a cultura popular. O segundo estava relacionado com a capacidade que o dito ritual tinha de reunir num mesmo local (margem direita do rio Vez) devotos que acreditavam piamente no poder de intercessão de Santa Marinha.

Depois do desaparecimento da prática ritual antes descrita, o culto à padroeira sofreu transformações. Contudo, segundo os nossos informantes, no dia 18 de julho sempre se celebrou uma missa em honra de Santa Marinha. A festa atual realiza-se no domingo seguinte ao dia 18 de julho de cada ano. Atualmente, o pároco de Prozelos, o Padre António Sousa, decidiu associar a festa de Santa Marinha à comunhão de todas as crianças que frequentam a catequese. Com base nas declarações proferidas pelos nossos informantes, outrora, na festa de Santa Marinha, era celebrada missa, sermão e depois organizava-se uma procissão que dava a volta ao cruzeiro paroquial. Deste modo,

as festas da aldeia, no Norte de Portugal, não são sem religião e sem ermida, como não são sem missa e sem sermão. Trata-se de um sinal da marca do catolicismo na região, depois das primeiras vagas de evangelização do século VI, ainda antes da fundação da nacionalidade. O catolicismo, com os seus ritos e práticas, não é uma moda cultural, mas um padrão civilizacional. (Lima, 2007, p. 70).

A festa da padroeira promove a aproximação psicológica dos Prozelenses e despoleta um acumular de emoções, experiências espirituais e culturais, tempos e ligações identitárias. Como observa Rodrigues (2007, 2012), toda a religião, todo o universo simbólico-religioso, implica uma mobilização específica da memória coletiva e da sua transmissão e reprodução social.

Este artigo permitiu-nos, ainda, refletir sobre a forma como, de repente, em poucas décadas, se abandonaram este e outros rituais, fruto de uma

globalização crescente e de uma educação/escolarização que deixou pouco espaço para eles. Com exceção das breves razões aventadas (que não são certamente as únicas) que terão conduzido, provavelmente, ao desaparecimento do costume descrito, os diálogos entabulados com os nossos informantes não as exploraram, assim como as mudanças contemporâneas ocorridas nesta prática ritual. Essa será uma das tarefas a empreender em futuras investigações.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria G. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. *Projeto História*, vol. 37, 2008, p. 237-260. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3054/1967>>. Acesso em: 20/05/13.

BAPTISTA, Fernando Oliveira. *Agriculturas e territórios*. Lisboa: Celta, 2001.

BOUZA-BREY TRILLO, Fermin. Ritos impetratorios da choiva en Galiza: A inmersión dos “sacra” e os vellos cultos hídricos. In: *Atas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Vol. 1. Lisboa: Biblioteca Nacional e Corporativa, 1963, p. 335-347.

CLAVAL, Paul. *Geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSTA, António Carvalho. *Corografia portuguesa e descrição topográfica do famoso reino de Portugal [...]*. Vol. 1. Braga: Tipografia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

DIAS, Geraldo J. A. C. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Revista da Faculdade de Letras: História*, vol. 4, 1987, p. 227-256. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf>>. Acesso em: 20/06/13.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totémico na Austrália*. Oeiras: Celta, 2002.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. *A religião popular portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GONZÁLEZ REBOREDO, Xosé Manuel. *Os santos titulares de parroquia en Galiza: passado, presente e perspectivas de futuro*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), *Recenseamentos da população portuguesa* (2011). Disponível em: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main>. Acesso em: 23/07/13.

LIMA, José da Silva. Religiosidade popular. In: MOREIRA, Carlos Azevedo (Dir.). *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 107-120.

LIMA, José da Silva. A festa da aldeia e os sentidos: o caso do Alto Minho. In: LIMA, José da Silva (Coord.). *A festa da aldeia: património festivo europeu*. Atas. Braga: Universidade Católica Portuguesa; Alcalá Imperitura, 2007, p. 63-77.

LIMA, Jose da Silva. *Entre rezas & romarias*. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

MENEZES, Renata C. *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

PORTUGUÊS, Ernesto. *São Tiago de Pias: história e cultura*. Monção: Câmara Municipal de Monção; Fábrica de Igreja de Pias, 2008.

RAPOSO, Paulo J. P. *Ritual: uma expressão performativa da experiência social*. (Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Lisboa: ISCTE, 1994.

REESINK, Mísia L. Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o regime de milagre. *Caderno CRH*, vol. 18, n. 44, 2005, p. 267-280. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=54&layout=abstract>>. Acesso em: 30/09/13.

RODRIGUES, Donizete. *Sociologia da religião: uma introdução*. Porto: Afrontamento, 2007.

RODRIGUES, Donizete. *O que é religião? A visão das ciências sociais*. São Paulo: Santuário, 2012.

RODRÍGUEZ BECERRA, Salvador. De la religiosidad popular a la religión de los andaluces. In: MÁCIAS SÁNCHEZ, C; RODRÍGUEZ BECERRA, S. (Coord.). *El fin del campesinado: transformaciones culturales de la sociedad rural andaluza en la segunda mitad del siglo XX*. Sevilla: Fundación Centro de Estudios Andaluces (CENTRA), 2009, p. 167-192.

RODRÍGUEZ BECERRA, Salvador. La religiosidad popular de los andaluces: nuevas perspectivas desde Andalucía Oriental. *Boletín del Centro de Estudios "Pedro Suárez"*, vol. 26, 2013⁶.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 73-99.

SANCHIS, Pierre. *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Manuel Carlos. *Sócio-antropologia rural e urbana: fragmentos da sociedade portuguesa (1960-2010)*. Porto: Afrontamento, 2013.

STEIL, Carlos A. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, n. 5, 2004, p. 9-30. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26588/000427154.pdf?sequence=1>> Acesso em 13/07/13.

STEIL, Carlos A.; CARNEIRO, Sandra S. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, vol. 28, n. 1, 2008, p. 105-124. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a06v28n1.pdf>>. Acesso em: 07/09/13.

TEIXEIRA, Alfredo. Matrizes das crenças em Portugal. In: LAGES, M. F.; MATOS, A. T.; MOREIRA, A. et al. (Coord.). *Portugal: percursos de interculturalidade. Matrizes e configurações*. Vol. 3. Lisboa: CEPCEP, 2008, p. 299-378. Disponível em:

<http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/3_PI_Cap7.pdf>. Acesso em: 01/10/2013.

TEIXEIRA, Alfredo. Catolicismo: entre o território e a rede. In: TEIXEIRA, Alfredo (Org.). *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Lisboa: Paulinas, 2012, p. 147-253.

VIEIRA, José A. *O Minho pitoresco*. Vol. 1. 2. ed. Valença: Rotary Club de Valença, 1986-1987.

¹ A expressão *ad pluviam petendam* significa “para pedir chuva”.

² Importa referir que a prática de prestar culto aos santos, na antiguidade, foi – e continua a ser na atualidade – uma das componentes que contribuíram para a ampla disseminação e o enorme sucesso do cristianismo no Ocidente (Menezes, 2004).

³ O costume descrito vai de encontro ao argumento de Dias (1987, p. 232) quando observa que “em Portugal, o séc. XIX foi também um século marcadamente mariano, e o patrocínio de Maria, nas horas amargas da descristianização de muitos e desânimo de tantos, aparecia como uma tábua de auxílio e salvação”.

⁴ Importa sublinhar que as duas últimas Juntas de Freguesia, presididas por José Dias da Costa e pelo atual presidente Martinho Pedreira, têm envidado esforços no sentido de melhorar significativamente o sistema de rega em Prozelos.

⁵ Segundo Silva (2013, p. 49): “a agricultura, que até 1960 detivera o posto de comando num Portugal fracamente industrializado, começava a ser deslocada para segundo lugar. A população ativa agrícola, que em 1960 perfazia 43,6%, viria a reduzir-se em 1994 para 11,8%, contrariamente à do setor secundário, que passou de 29,5% em 1960 para 34,5% em 1990, e sobretudo a do setor terciário, que conheceu um notável salto de 27,7% em 1960 para 55,6% em 1994”. Um argumento similar é apresentado por Baptista (2001, p. 17) quando observa que “a percentagem dos que trabalhavam na agricultura no conjunto da população ativa passou de 48% [1950] para 10% em [1990]. [...] A contribuição da agricultura para a produção do país (valor acrescentado bruto agro-silvícola / produto interno bruto a preços correntes) baixou de 28% para 5%”.

⁶ Este artigo foi-nos gentilmente cedido pelo autor a quem agradecemos penhoradamente.

Recebido em 04/02/2014, revisado em 21/09/2014, aceito para publicação em 21/09/2014.